

* OS PERSONAGENS MULHER FEIA E A SENHORA BORDA FORAM
COMPOSTOS FICAMENTE DE MANEIRA DIVERSA À QUE É
TRATADA NO TEXTO.

8ª Via

RS

QUASE 1830

Érico Veríssimo



O POETA - 28 anos - ECEM CAKUI FO

* A MULHER FEIA - 36 anos - LILIANA ROCHA

O VIZINHO IMPERIMENTADO - 50 anos - JAIRO DECHTAR

* A SENHORA BORDA - WÁLESKA VERÍSSIMO

É no quarto do poeta tuberculoso. Pensão
pobre de subúrbio. - Janela fechada, ao fundo,
porta a direita, pequena mesa, com livros e pa-
peis esparsos; a esquerda, cama de ferro, em que
o poeta está deitado. Junto da cama, um caixote.
Sobre o caixote, vidro de remédio e uma garrafa
vazia que serve de castiçal.

Oito horas da manhã. A cena está sombria.

O POETA E A MULHER FEIA

A MULHER FEIA - (abrindo a porta do mansinho) - Bom dia.

O POETA - (acerguendo-se) - Bom dia. (olha a recém vinda) Ah! És tu?...

A MULHER - (meigamente) - Está melhor?

Entre e fica parada a dois passos da cama
do poeta.

O POETA - (febril) - Sim... Mas porque demoraste tanto? Não te lembras do
meu verso? "Virás com a madrugada nova". Já é dia... Lá fora o
sol anda despejando ouro por toda parte, como um príncipe pródi-
go...

Os olhos do poeta ardem. A tosse lhe corta
frequentemente as palavras.

A MULHER - Sossegue, mocinho, sossegue.

O POETA - (delirando) - Tu és a Bem Amada, O meu sonho era tão maravilhoso
que parecia impossível. Tu chegas... Porque não vens vestida de
noiva? porque? É primavera. Lá fora as laranjeiras devem estar
florindo... Não fizeste uma grinalda pra tua cabeça?

A MULHER - (desconcertada) - Ora... Não fale tanto, vais cansar... O Senhor
está enganado... Eu sou a vizinha aqui do lado. Sossegue. Que um
copinho de leite?

O POETA - (olhando as mãos da MULHER) - Bem como eu disse no poema: "Tuas mãos
são dois lírios de cinco pétalas alvíssimas..." Disseram que era
plágio. Eu chorei, chorei... Juros que não é plágio... Invejoso!

A MULHER - Porque não toma um gole de remédio. Vamos abrir a janela? Está tão
abafado...

Gaminha pra janela e abre-a de par em par. A luz
da manhã salta pra dentro do quarto num jorro dourado.

O POETA - Sol! O meu poema foi uma profecia (recita):

ATENÇÃO
A PROGRAMAÇÃO DO ES-
PETÁCULO A QUE SE RE-
FERE ESTE TEXTO ESTÁ
SUJEITA À APROVAÇÃO
PRÉVIA DO SCDP/SR-DPP



A minha amada chegou! Aleluia!
Ela me trouxe o sol nas suas mãos de milagre.
A minha amada chegou! Vitória!
Todos os caminhos se iluminaram...
A minha vida flo... flo... ai!

Ten um acesso de tosse. Deixa cair a cabeça
sobre o travesseiro.

- A MULHER - (assustada)- Cuidado! Falou tanto... Tome um pouco d'água, tome...
(Dá-lhe de beber um pouco d'água)
- O POETA - (com voz apagada)- Não diga nada a ninguém... Antes que a noite
chegue, antes que o céu floreaça em estrelas, nós nos casaremos...
Iremos depois bem juntinhos pelos caminhos. A voz do vento perfu-
mado será a nossa marcha nupcial...
- A MULHER - Sossega, mocinho, o senhor está se cansando...
- O POETA - A luz, com inveja de nós, se esconderá atrás da primeira nuvem.
As estrelas, pasmadas, cessarão de brilhar...
- A MULHER - Quer que chame o médico?
- O POETA - Querida, eu te amo. Eu te amo! Nunca quiz dizer... Eu te via pas-
sar ao pé de mim... Mas ficava calado. Por orgulho. Amando e so-
frendo em silêncio... Entretanto tu vieste... (Olha fixamente pra
rosto da interlocutora)... Como és linda! Que lago encantado e chei-
de luar mora nos teus olhos?
- A MULHER - Coitadinho, está variando... Ten febre...
- O POETA - Quem foi o malvado que partiu em dois gomos o fruto vermelho dos
teus lábios?
- A MULHER - Fique quieto.
- O POETA - (Excitado) - Beijá-me, nam, beijá-me!

A mulher feia recua. O poeta estende os braços
magros, que se agitam inutilmente no ar. Depois cai
morto. Um jato de sangue escapa-lhe da boca e se alag
tra pelas cobertas da cama. A mulher feia, espantada,
abre a porta e sai a correr

CENA II

A MULHER FEIA, A SENHORA GORDA, O POETA MORTO, E DEPOIS O VI-
ZINHO EXPERIMENTADO.

- A MULHER FEIA-(comvida)- Olhe comadre, ali...
- A SRA. GORDA - (chegando-se pra cama, com ar de nojo)- Hum! Parece que se foi mes-
mo...
- A FEIA - (chorando baixinho) - Coitado, era tão moço...
- A GORDA - M He devia dois meses de pensão e doze mil e quinhentos de roupa
lavada. Adeus!
- A FEIA - (chegando de novo)



A GORDA - Se eu pudesse adivinhar... Tuberculoso. Minha pensão não é realizada...

A FEIA - Que vai fazer agora, comadre?

A GORDA - Vou chamar o vizinho, que é um homem experimentado. Ele pode nos ajudar.

Sai.

A Mulher Feia fica olhando perdidamente o cadáver. Tem os olhos cintilantes de lágrimas. Começa a falar baixinho, simcoadamente.

FIM CENA 2

A FEIA - Tenho trinta e seis anos... Solteirona... Sem graça... Nunca ninguém gostou de mim... Só ele... -coitadinho!- só ele, hoje... E nunca mais... Também, estava variando... Só variando mesmo é que podia fazer aquilo... Nunca mais vou ouvir... Nunca, ninguém...

CENA 3
GORDA
FEIA

CENA 4 - Cala-se de repente, pois entram a Senhora gorda e o vizinho experimentado!

A GORDA - Veja só que desgraça, vizinho...

VIZINHO - É singular. Palavra que é. Nunca imaginei que isso pudesse acontecer nos dias de hoje...

(Inclina-se sobre o corpo do poeta e ausculta-lhe demoradamente o coração. Pega-lhe depois das mãos, que larga imediatamente repugnado.)

Está morto.

A FEIA - Coitado...

VIZINHO - Um poeta de cabeleira que morre tuberculoso, é raro. Palavra que é. Bem como nos romances a moda de 1830. Tudo, sem faltar nada... até a garrafa com o teco de vela fincado no gargalo. (VÊ OS PAPIS SOBRE A MESA). Um poema incompleto. Hum!!! Igualzinho...

A FEIA - Pobre moço!!! Era tão delirado, tão tristonho...

A GORDA - Quê!!! Um gonâmbulo. Sempre no mundo da lua. Escrevias besteiras prós jornais e ganhava uma miséria. Quê!!!

A FEIA - Credo, comadre!!! Respeito ao menos o cadáver do defuntonho... Acabou-e... Nunca mais...

A GORDA - Então peguei o Tonico lendo o Cancioneiro Popular. Versos!!! Foetas!!! Dei uma sova no menino pra que ele não lesse essas bobagens. Havia de ter graça que meu Totinho virasse poetata pra, quando ficar homem, viver por aí de cabeleira crescida, pateta, dando prejuízos às pobres viúvas que ganham honestamente o seu pão nosso de cada dia.



VIZINHO - Bravos, comadre!!! Você parece que andou lendo Perez. Escrich!!!
A GORDA - Já lhe disse que tenho ódio dos poetas, ouviu? Ódio.
(MUDANDO DE TOM) . E o caixão? Onde vou tirar dinheiro pra o enterro?

O VIZINHO - Vamos arranjar uma subscrição....
A GORDA - Me faça este bem. Escreva o papel...
O VIZINHO - (COM EMPAFIA) - Vou escrever a epígrafe....
A GORDA - Ora, prá que isso? Faça um abaixo-assinado.... Prá que luxo em enterro de pobre?

(O vizinho sorri . Senta-se à mesa e começa a escrever)
O VIZINHO - (LENDO LENTAMENTE) - Su-bs-cri-ção... (DETEM-SE POR MOMENTOS. DEPOIS ESCRIVE. LÊ). Subscrição que se faz entre almas caridosas que queiram dar um...um... (PENSA) Obulo ou obolo?
A GORDA - Ora, vizinho!! Bote qualquer palavra. Com tanto que venha o dinheiro...E não se esqueças si sobrar alguma coisa, me dê... Olhe que ele me devia dois meses de pensão e vinte mil e quinhentos de roupa lavada.

O VIZINHO - Pronto. (LEVANTA-SE E LÊ MENTALMENTE O PAPEL. GUARDA-O DEPOIS NO BOLSO). Até a tarde temos o dinheiro para o enterro. Até logo (SAI)!!!

CENA 5

AS DUAS MULHERES E O DEFUNTO.

A FEIA - (SEMPRE OLHANDO O CADÁVER) Veja como está pálido, comadre, parece de cera, não é? Até era bonito...

A GORDA - Bonito? Cruzes!!! Um tuberculoso....

(Na rua um vendedor canta o prego:
VERDURAS!!! VERDURAS!!! A MULHER GORDA
debruça-se à janela

A GORDA = (PRÁ FORA) Seu Manoel !!! Oh, homem!!!
A FEIA - Vou trazer flores...Pobresinho!!! Não tem quem chore por ele... Nem quem reze...

(AJOELHA-SE AO PÉ DO CADÁVER E COMEÇA A ORAR EM VOZ BAIXA).

A GORDA = (PRÁ RUA) Vieram os repolhos? Hein?...Bons?...
(A MULHER FEIA TERMINA A ORAÇÃO E PERMANECE AJELHADA).
A FEIA - Nunca ninguém me olhou com aqueles olhos....Nunca....Nunca ninguém me falou em casamento::: Só ele...só... Mas estava variando. Agora está morto....Nunca mais....(OLHA PRA MULHER GORDA QUE CONTINUA À JANELA. FALA BAIXINHO)) E si ele não estivesse variando?!!! Si tudo fosse verdade? Si fosse? Que bom!!!



A FEIA - Oh!!! Mas ele não sabia o que estava dizendo...
Um dia ... Nem sei ... até parece que ele me
olhou

A GORDA - (GRITANDO). Olhe, seu Manoel, não se esqueça de
me trazer batas, amanhã, ouviu?

A FEIA - (EM SURDINA) Uma vez ele estava à janela ... Eu
ia passando ... Parece que sorriu ... E si tudo
fosse verdade? ... Mesma prá morrer depois ...
Era só prá ouvir uma declaração de amor ... De-
claração de amor de um defunto ... Uma só vez
na vida, a única, a última Eu sempre tive
vontade, tanta ... Devia ser tão lindo!!!

(TIMIDAMENTE PEGA A MÃO DO POETA MORTO.

VAI BEIJÁ-LA. MAS OLHA PRÁ MULHER GORDA. TEM
UM SENTIMENTO IRREPRIMÍVEL DE PUDOR. DEIXA CAIR
A MÃO DO CADAVER. FICA CHORANDO).

(NESSE MOMENTO INICIA MÚSICA Nº 4, OS DOIS -
GORDA E VIZINHO - PEGAM O POETA, TIRAM O SEU
CAMISOLÃO, E O CRUCIFICAM NA ARMAÇÃO DE METAL
DO FUNDO DO PALCO).

F I M

DURAÇÃO: 45 → 50 min.